

SER PROFESSOR NO BRASIL ATUAL: ENTRAVES, ENCANTOS E DESAFIOS

Prof^ª. Dr^ª. Selva Guimarães Fonseca

Por Prof. Francis S. de Almeida e Prof^ª. Mônica A. de O. Cruz

O que estamos vivendo? De onde estamos falando? Quantos somos e quem somos? Como somos formados? Esses foram os eixos norteadores da reflexão proposta pela doutora em História pela USP e pós-doutorada em Educação pela UNICAMP, Selva G. Fonseca, ao iniciar a palestra de abertura do Encontro de Formação de Professores/I Encontro Interinstitucional do PIBID – UNIUBE/UFTM.

Ao propor essas discussões, ficou claro que o objetivo da pesquisadora não foi somente o de situar estatisticamente a profissão docente no Brasil atual, mas, principalmente, o de evidenciar o contexto sócio-histórico-cultural e a atuação do professor que, para construir sua identidade profissional, necessita compreender-se como sujeito de relações imbricadas em práticas sociais.

Marcado por transformações nas relações sociais e entre os sujeitos, o século XXI exige uma profunda mudança na formação do professor, uma vez que a ampliação do acesso ao conhecimento e da produção científico-cultural requerem uma postura diferente por parte do profissional docente, bem como a ressignificação das práticas pedagógicas, visando à valorização da multiculturalidade, das multilinguagens, da convivência com as diferenças e com a diversidade, balizas desses novos tempos em que a função educativa da escola é tecida, necessariamente, com as parcerias estabelecidas entre os diversos segmentos da sociedade.

Nesse sentido, a doutora Selva Guimarães reconhece no PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, um programa de grande estímulo à formação docente, que tende a crescer e se consolidar como política do Ministério da Educação. Isso, porque a estatura do PIBID se justifica pela promoção, ao aluno bolsista, da vivência do magistério no cotidiano escolar, propiciando o *fazer* pedagógico em consonância com as novas demandas da educação. Demandas estas que reiteram o professor no seu tempo e no seu lugar, acepções que o impelem à prática de agente social.

Levando em consideração o contexto apresentado, a palestrista expôs os desafios que se colocam à escola, ao professor e à sociedade como base para um paradigma educacional emergente. Trata-se da formação inicial – científica e ética, da construção do conhecimento – processo de aprender e ensinar, da valorização profissional, da banalização da violência interna e externa nas escolas e, por fim, da busca pela qualidade do ensino.

Em se tratando da formação profissional, é interessante ressaltar que ninguém nasce professor, uma vez que o processo de formação iniciado na faculdade transcende, ampliando-se para outros espaços sociais e, nesses espaços, os programas de incentivo à docência-PIBID e de iniciação científica-PIBIC muito têm contribuído para a construção deste novo perfil de educador. Trata-se, então, de um sujeito dialético, aquele que se encontra numa constante busca pelo conhecimento em diferentes tempos e espaços de aprendizagens. Segundo a professora Selva, é no exercício da profissão, na prática, na experiência da sala de aula, que o professor aprende e se forma. A formação é permanente e complexa. A identidade profissional docente é definida social e historicamente. É um processo inacabado. O “ser professor” é construído na história de vida, no terreno da experiência pessoal e coletiva em determinados espaços e tempos históricos. Para ilustrar essa fala, citou Paulo Freire na carta aos professores (2001), na qual o filósofo e pesquisador enfatiza que não existe ensinar sem aprender e, com isto, o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende.

Dando prosseguimento aos desafios da prática docente, a palestrista afirmou que a valorização do professor passa pela construção de competências essenciais ao ofício da profissão, como a formação e a capacitação continuadas, a análise crítica das práticas e a responsabilidade ética e política com o *fazer* pedagógico. Ressaltou, ainda, as palavras do filósofo francês Alain: “Dizem-me que, para instruir, é necessário conhecer aqueles que se instruem. Talvez. Mas bem mais importante é, sem dúvida, conhecer bem aquilo que se ensina”, citadas por Nóvoa, em seu texto “Profissão Docente” (2010) ao tratar o conhecimento enquanto elemento fundamental da valorização profissional.

Quanto à violência interna e externa como desafios da escola contemporânea, a pesquisadora evidenciou uma tendência à naturalização e banalização dos atos de transgressões que perpassam as relações sociais estabelecidas no âmbito da escola e em seu entorno. Nesse sentido, afirmou que é necessário combater e prevenir as diversas naturezas das ocorrências (furto, roubo, brigas, agressões, uso de armas, drogas, tráfico, formação de gangues e outros), promovendo um reencontro entre a família e a escola, reforçando o papel educativo e de responsabilidade social da comunidade na valorização da juventude e construção da autonomia desses jovens.

Por fim, salientou que o desafio pela busca da qualidade da educação se revela uma necessidade eminente quando analisados os indicadores das avaliações externas em todos os níveis de ensino (PROALFA, PROEB, IDEB, ENADE) e a dissonância entre produção e qualidade, considerando que atualmente o Brasil encontra-se em 13º lugar no ranking da produção científica mundial e em 50º lugar no ranking de qualidade da educação básica.

Encerrando sua reflexão, a professora Selva apontou caminhos que se situam nos entremeios da utopia e da militância, destacando que, na atualidade, os desafios da formação, da profissionalização e da ação docente constituem problemas complexos e, nesse sentido, demandam políticas sistêmicas capazes de enfrentar as múltiplas dimensões, pois “ser professor”, “tornar-se professor”, “constituir-se professor” e exercer o ofício é viver a ambiguidade, é exercitar a luta, enfrentar a heterogeneidade, as diferenças sociais e culturais no cotidiano dos diferentes espaços educativos.

